

# SUPER INTERESSANTE

EDIÇÃO BIBLIOTECA



## OS PRIMEROS PORTUGUESES

PRÉ-HISTÓRIA NO TERRITÓRIO DE PORTUGAL

# SUPER INTERESSANTE HISTÓRIA

Maio de 2025

Direção **Carmen Sabaleta** (csabaleta@zinetmedia.es)



## REDAÇÃO

Redatora chefe **Cristina Enríquez** (cenriquez@zinetmedia.es).  
Coordenação de design **Óscar Álvarez** (oalvarez@zinetmedia.es).

## REDAÇÃO EM MADRID

C/ Alcalá, 79. 1º A. 28009 Madrid; Teléfono +34 810 583 412.

Colaboradores: **José Eduardo Franco** (coordenador geral),  
**João Luís Cardoso** (coordenador científico deste número),  
**Nuno Bicho, João Cascalheira, Célia Gonçalves,**  
**António Faustino de Carvalho, Nuno Neto, Paulo Rebelo,**  
**António M. Monge Soares, Raquel Vilaça, Tempus Art.**

Consultora **Marta Ariño**  
Diretor Geral Financeiro **Carlos Franco**  
CRO (Diretor Comercial) **Alfonso Juliá** (ajulia@zinetmedia.es).  
Brand manager **Marta Espresate** (mespresate@zinetmedia.es)

## DISTRIBUIÇÃO:

VASP – Distribuição e Logística, S.A.  
A Super Interessante é uma publicação  
registada na Entidade Reguladora  
para a Comunicação Social com o n.º 118 348.  
Depósito legal: 122 152/98.



© Zinet Media Global, S.L. Esta publicação é propriedade exclusiva da Zinet Media Global, S.L., e a sua reprodução total ou parcial, não autorizada, é totalmente proibida, de acordo com os termos da legislação em vigor. Os contraventores serão perseguidos legalmente, tanto a nível nacional como internacional. O uso, cópia, reprodução ou venda desta revista só poderá realizar-se com autorização expressa e por escrito da Zinet Media Global, S.L.

## Prehistoric castles in the Lower Tagus and Atlantic Coast: consequences of economic intensification and social competition in the 3rd millennium BC

*João Luís Cardoso*

### Abstract

In Estremadura, there are three major Chalcolithic fortified settlements, which are also those that have been studied for the longest time. Although they adopted common architectural solutions, they evolved independently, starting with the need to adapt to the natural geomorphological conditions prevailing in each case.

Leceia, Zambujal and Vila Nova de São Pedro are clear examples of how, in Lower Estremadura, during the Chalcolithic, the traditional concepts of “fortification”, “interaction” and “economic intensification” were strongly interdependent: although there could be interaction and economic intensification without fortification, the reverse does not seem possible for the period and region in question, as clearly is proved by the archaeological evidence.

**Keywords:** Chalcolithic; fortified settlement; Lower Estremadura; economy; production technologies; Portugal



ASC Imagem do Projeto 3D do Povoado pré-histórico de Leceia. Bernardo Lam Ferreira /João Luís Cardoso.

# CASTELOS PRÉ-HISTÓRICOS NO BAIXO TEJO E NO LITORAL ATLÂNTICO:

consequências da intensificação  
económica e da competição  
social do 3.º milénio a.C.

---

JOÃO LUÍS CARDOSO

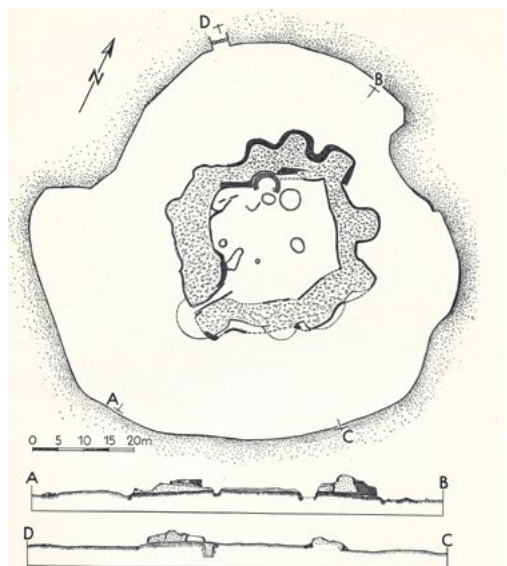
Investigador-Coordenador convidado do ICArEHB (Universidade do Algarve. Coordenador do CEACO (Câmara Municipal de Oeiras)

**N**a Estremadura avultam três povoados fortificados calcolíticos de primeira grandeza, que também correspondem aos que têm sido mais prolongadamente estudados os quais, embora adotando soluções arquitetónicas comuns, se comportaram e evoluíram de forma independente, a começar pela necessidade de adaptação às condicionantes geomorfológicas naturais vigentes em cada caso.

Assim, a solução defensiva encontrada em Vila Nova de S. Pedro (Azambuja), com uma imponente fortificação central devidamente identificada em 1956 graças às escavações de Afonso do Paço e Edward Sangmeister, é distinta da verificada em Leceia, correspondente a um dispositivo defensivo organizado em três linhas de muralhas estreitamente articuladas entre si e com uma escarpa natural debruçada sobre o vale da ribeira de Barcarena, que delimita de dois lados a área defendida. Tal solução aproxima-se da observada no Zambujal, cujo dispositivo defensivo também se articulou com uma escarpa pré-existente, dominante da ribeira de Pedrulhos.

Claro que o tamanho da área construída e defendida influenciava também as soluções arquitetónicas adotadas em cada caso. Tal variável é diretamente proporcional, como é evidente, ao número de habitantes de cada sítio, o que nos conduz à questão do cálculo daquele número, nos povoados de maiores dimensões da Baixa Estremadura.

No caso de Leceia, o cálculo demográfico proposto por Robert Chapman em 1991 conduz à estimativa de 200 habitantes, considerando a área da estação (cerca de 1 ha), valor ligeiramente inferior ao obtido pela relação proposta por Colin Renfrew em 1972 para povoados do Egeu, que foi de cerca de 300 habitantes por ha. A ser assim, Leceia teria idêntico número de habitantes de Vila Nova de S. Pedro e cerca de um terço mais que o Zambujal (com 0,7 ha), apesar da recente identificação de uma linha defensiva exterior às três já conhecidas, poder aumentar a área protegida para valores semelhantes aos apresentados para os dois outros sítios.



Planta da «fortificação central» de Vila Nova de São Pedro, segundo Afonso do Paço e Edward Sangmeister.



Vista parcial do lado externo da «fortificação central» de Vila Nova de São Pedro. Arquivo João Luís Cardoso. Fundo Octávio da Veiga Ferreira.



Vista geral de maquete de Leceia, evidenciando o desenvolvimento no terreno das três ordens de muralhas estreitamente articuladas entre si e com a escarpa calcária que delimita a plataforma rochosa de dois dos seus lados. Fotografia de João Luís Cardoso.



Vista do vale da ribeira de Barcarena, situando-se o povoado pré-histórico de Leceia em último plano, assinalado por círculo. Fotografia de Maria da Conceição André.

Assim sendo, Leceia, o Zambujal ou Vila Nova de São Pedro, constituem exemplo flagrante em como, na Baixa Estremadura, no decurso do Calcolítico, os conceitos tradicionais de «fortificação», «interação» e «intensificação económica» se encontram fortemente interdependentes: embora possa haver interação e intensificação económica sem fortificação, a inversa não se afigura possível, para a época e a região em causa. Assim, a génese dos povoados fortificados calcolíticos da Baixa Estremadura, resultaria da evolução interna do sistema agro-pastoril herdado do Neolítico Final: a exploração crescente dos territórios, de forma cada vez mais organizada, eficiente e diversificada, viabilizada pela melhoria das tecnologias de produção, com a introdução de sistemas de atrelagem e do arado, conduziu à ocupação e demarcação efetiva de territórios, por um lado, e por outro lado ao aumento da população, com o surgimento das consequentes formas de tensão social, cada vez mais intensas, mas onde, de início, a metalurgia do cobre não teria qualquer expressão. Tal evidência comprovada em Leceia, contradiz assim o principal pressuposto que de início se encontrava associado à explicação da emergência das fortificações calcolíticas na Estremadura. Estas surgem como consequência lógica da complexificação da sociedade calcolítica estremenha, cuja génese se situa cerca de 2800 a.C. aliás denotando modo de organização idêntico ao então observado, tanto no norte como no sul do atual território português, assumindo-se como verdadeiras marcas da paisagem e dos territórios.

Tal realidade foi acompanhada no tecido social, pela especialização dos ofícios, como a tecelagem e a metalurgia, diferenciando-se assim das tarefas tradicional-



Reconstituição de cena de caça ao veado, nos bosques adjacentes ao povoado pré-histórico de Leceia. Concepção e desenho digital de Bernardo Lam Ferreira / João Luís Cardoso.

ASC

Reconstituição do interior de uma habitação do povoado pré-histórico de Leceia, observando-se ao fundo um tear vertical. Concepção e desenho digital de Bernardo Lam Ferreira / João Luís Cardoso.



ASC

mente relacionadas com a subsistência. Esta especialização nas atividades transformadoras, teve também expressão nos próprios alimentos: com efeito, data dessa mesma época, cerca de meados do 3.º milénio a.C., que se encontra pela primeira vez documentada a presença de fragmentos de cinchos, correspondendo a recipientes de barro com as paredes perfuradas, destinados ao fabrico de queijo e de outro produtos da transformação do leite de ovelha, de cabra e de vaca, espécies pastoreadas nas imediações dos povoados. Era também em campos agrícolas adjacentes a estes que se desenvolvia a agricultura e a cerealicultura, enquanto a caça requeria a exploração de territórios mais alargados, bem como a recolção, aproveitando as muitas espécies de moluscos que abundavam ao longo da margem norte do rio Tejo.

## A VIDA ECONÓMICA DESTAS POVOAÇÕES FORTIFICADAS

As populações, sedeadas e repartidas por povoados-fortaleza, com o usufruto de determinadas parcelas do território, evidenciam a existência de organização social crescentemente hierarquizada, de comunidades francamente abertas a estímulos externos, veiculados por intensas trocas comerciais das quais dependia, em parte, o sucesso do grupo. O exemplo mais evidente é a importação de rochas duras para as tarefas do quotidiano, como os anfíbolitos, essenciais para o fabrico de machados e enxós (sachos) para o amanho dos terrenos e a criação de campos agrícolas, oriundas do Alentejo, em troca do sílex, que abundava na Baixa Estremadura, configurando o estabelecimento de rotas comerciais estáveis e duradouras ao longo de todo o 3.º milénio a.C. Para além do abastecimento regular de anfíbolitos sob a forma de lingotes líticos, outras chegavam a este povoado, por via das atividades de forasteiros que corporizam a intensa circulação então já verificada em todo o terri-



ASC

Contas de variscite, recolhidas nas grutas artificiais do Casal do Pardo, Quinta do Anjo (Palmela), provavelmente oriundas de minas situadas na região de Zamora (Espanha). Fotografia de João Luís Cardoso.



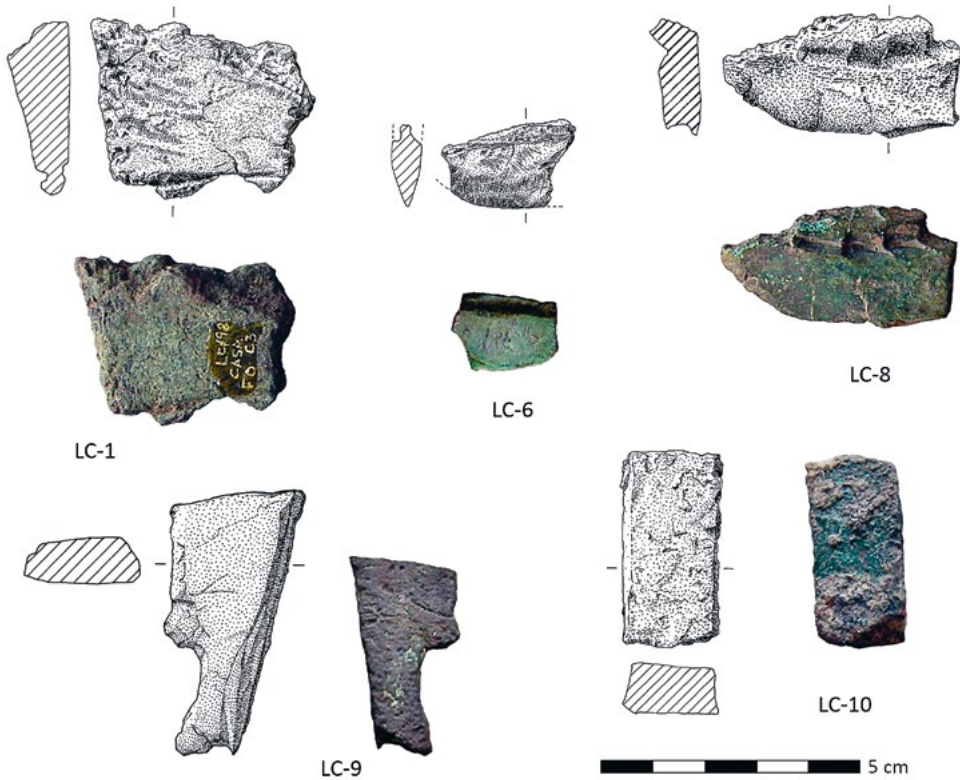
ASC

Lingote de anfibolito recolhido no povoado pré-histórico de Leceia, correspondendo a importação do Alentejo, antecedendo a sua transformação, por polimento, em utensílio destinado ao uso quotidiano. Fotografia de João Luís Cardoso.



ASC

Cadinho para a fundição do cobre, recolhido no povoado pré-histórico de Moita da Ledra (Vila Franca de Xira). Fotografia de João Luís Cardoso.

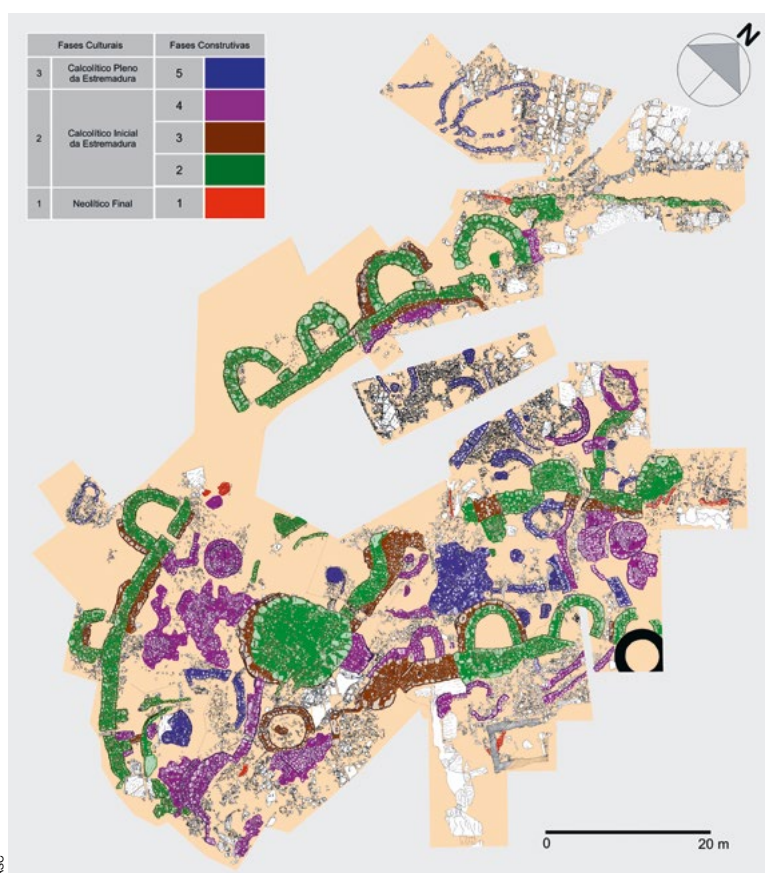


Lingotes de cobre recolhidos no povoado pré-histórico de Leceia. Fotografias de João Luís Cardoso. Desenhos de Bernardo Lam Ferreira.

tório português. Assim se explica a presença de certos produtos sumptuários, como as contas de minerais verdes, muito apreciadas, que, de acordo com as análises já realizadas, são sobretudo de minerais do grupo da variscite provenientes provavelmente da região de Zamora, em Espanha, as quais ocorrem na generalidade dos povoados das necrópoles calcolíticas da Estremadura, configurando rotas comerciais terrestres através de corredores que em parte podiam aproveitar os cursos fluviais de maior importância. Também o abastecimento de artefactos de cobre, importados do Alentejo, da Andaluzia, ou mesmo de outras regiões peninsulares (ver o estudo do signatário e de A. M. Monge Soares neste volume) já manufacturados ou transformados localmente, em cada povoado de maior importância, a partir de lingotes de cobre em bruto, atestam a importância das atividades metalúrgicas, abundantemente documentadas pelos cadinhos de fundição e os resíduos metalúrgicos encontrados em todos os povoados mais importantes.

Importa ver com maior detalhe a evidência material disponível que permite suportar este tipo de conclusões, com base nos resultados obtidos nos três sítios fortificados de primeira grandeza considerados.

O povoado pré-histórico de Leceia é conhecido no mundo científico desde 1878. Porém, só em 1983, perante a destruição iminente da área ocupada pela estação arqueológica, se iniciaram escavações metódicas, dirigidas pelo signatário, concluídas vinte anos depois, em 2002. Deste modo, foi possível efetuar a escavação



Planta do povoado pré-histórico de Leceia, com a representação das cinco fases construtivas identificadas, distribuídas pelas três fases culturais ali presentes. Escavações e autoria de João Luís Cardoso.

integral do sítio, a qual ultrapassa 11 000 m<sup>2</sup>, a mais extensa até hoje efetuada em um povoado pré-histórico no nosso país. Os resultados obtidos colocam Leceia entre uma das estações mais importantes, no seu género, da Península Ibérica e, mesmo, da Europa Ocidental. Nela se encontram representadas sucessivas etapas cronológico-culturais, desde o Neolítico Final (cerca de 3400-3000 anos a.C.), passando pelo Calcolítico Inicial (2800-2500 a.C.) até o Calcolítico Pleno/Final (2500-2000 a.C.), caracterizado pela afirmação das produções cerâmicas do grupo campaniforme (ver capítulo anterior), estreitamente articuladas com as sucessivas fases construtivas ali identificadas.

### QUAL O SIGNIFICADO DE LECEIA E DAS OUTRAS FORTIFICAÇÕES CALCOLÍTICAS DA ESTREMADURA?

Esta fortificação, além de corporizar um verdadeiro marco territorial, símbolo da posse dos espaços envolventes, revela as necessidades de segurança e defesa de pessoas e bens resultantes da acumulação de excedentes decorrentes de uma bem sucedida economia agro-pastoril. Com efeito, as atividades agrícolas estão documentadas pela existência de mós e de eiras para o processamento dos cereais, de elementos de foice de sílex e de sachos de pedra polida. A criação de gado, por seu turno, encontra-se atestada por abundantes restos ósseos de ovinos, caprinos, suínos e bovinos. A alimentação era complementada pela caça do veado, do javali e do coelho, excepcionalmente, do urso, do cavalo selvagem e do auroque (boi selvagem) e, ainda, pela recoleção de moluscos, ao longo do litoral adjacente e pela pesca à linha, recorrendo a anzóis de cobre, ou com redes, como indica a ocorrência de alguns pesos de pedra.

Leceia documenta, pois, a par dos dois outros sítios fortificados mais notáveis da Estremadura e agora considerados, o estado de instabilidade e tensão social verificado então: em Vila Nova de São Pedro (Azambuja) recolheram-se centenas de pontas de seta de sílex em verdadeiros ninhos, talvez constituídos arsenais bélicos, realidade que não é incompatível, bem pelo contrário, com a pujança do desenvolvimento económico, e do acréscimo populacional a ela inerente.

Igualmente muito expressivas deste permanente estado de alerta são as frequentes alterações e adaptações verificadas nos dispositivos defensivos pré-existentes, no sentido de lhes aumentar a robustez e a eficácia. Assim, em Leceia, tal como no Zambujal e em Vila Nova de São Pedro, observaram-se alteamentos de algumas estruturas, denunciados pelo alarga-



ASC

Lâminas bifaciais de sílex utilizadas como elementos de foice, destinadas a fixação em cabos de madeira. Escavações de João Luís Cardoso.

ASC Anzol de cobre recolhido no povoado pré-histórico de Leceia. Escavações de João Luís Cardoso.



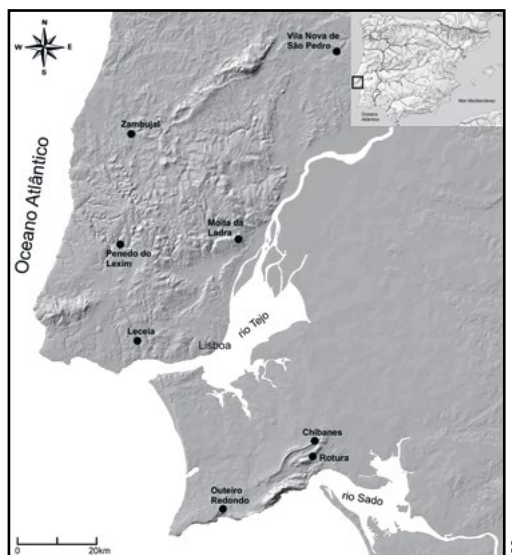
Vista parcial da base de um bastião pertencente à primeira linha defensiva do povoado pré-histórico de Leceia, evidenciando duas fases construtivas, a inicial e a de reforço, do lado externo, relacionada com o alteamento da estrutura em dada fase da sua existência. Escavações e fotografia de João Luís Cardoso.

mento da sua base de sustentação, a par do aumento progressivo do comprimento das passagens que comunicavam com o exterior ou do seu estreitamento, tendo em vista aumentar a capacidade defensiva, para além dos acrescentos verificados nos panos de muralha, com idêntico objetivo.

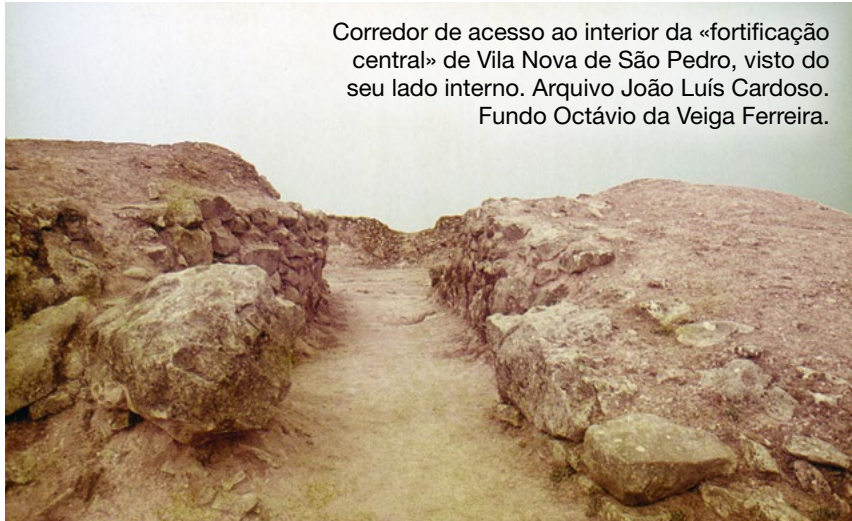
Foi o clima de instabilidade provocado pela competição inter-comunitária então vivido, que explica a emergência destes centros populacionais fortificados, de características proto-urbanas, a par de outros de menores dimensões, igualmente fortificados, da mesma região, como o Penedo do Lexim (Maфра), Moita da Ladra (Vila Franca de Xira), Penha Verde (Sintra) e Outeiro Redondo (Sesimbra).

A localização dos sítios principais foi determinada pela junção de condições naturais de defesa, em conexão com vales agrícolas de elevada fertilidade, dominando as vias de circulação naturais de toda a região adjacente, em estreita articulação com o estuário do Tejo (Leceia) ou com o vale do mesmo rio (Vila Nova de S. Pedro), ou, ainda, com o litoral atlântico (Zambujal), constituindo desde logo pontos nodais de uma rede de circulação regional de pessoas e de produtos, em que a metalurgia do cobre constituiu componente importante, mas tardiamente adicionada a tal realidade, sobretudo a partir de 2500 a.C. embora fosse conhecida já anteriormente e praticada de forma limitada.

A difusão a longa distância de certos produtos ou objetos ditos de «prestígio» é exemplarmente corporizada por peças de adorno ou de



Distribuição geográfica dos principais povoados fortificados calcólicos da Estremadura. Concepção de João Luís Cardoso.



Corredor de acesso ao interior da «fortificação central» de Vila Nova de São Pedro, visto do seu lado interno. Arquivo João Luís Cardoso. Fundo Octávio da Veiga Ferreira.

Alfinetes de marfim representando a cápsula da papoila, de inspiração oriental, com paralelos egípcios pré-dinásticos recolhidos no povoado pré-histórico de Leceia. Escavações de João Luís Cardoso.

prestígio de origem norte-africana comprovada, ou mesmo de proveniências mais longínquas, do Próximo-Oriente, como sugere a temática de alguns objetos de natureza cultural com evidente inspiração em peças ali produzidas na mesma época, a par de outras de uso quotidiano, como os alfinetes de cabelo de cabeça torneada maciça, de marfim, com paralelos no Egito Pré-Dinástico.

Naturalmente, a existência destas produções explica-se no quadro de uma sociedade hierarquizada, refletida no próprio modelo de ocupação do território, constituindo os centros demográficos de primeira grandeza, como os agora estudados, verdadeiros pólos aglutinadores económicos, sociais e até político-ideológicos em torno dos quais se estruturava o povoamento.

## VILA NOVA DE SÃO PEDRO E ZAMBUJAL, DOIS OUTROS GRANDES POVOADOS CALCOLÍTICOS FORTIFICADOS DA ESTREMADURA PORTUGUESA

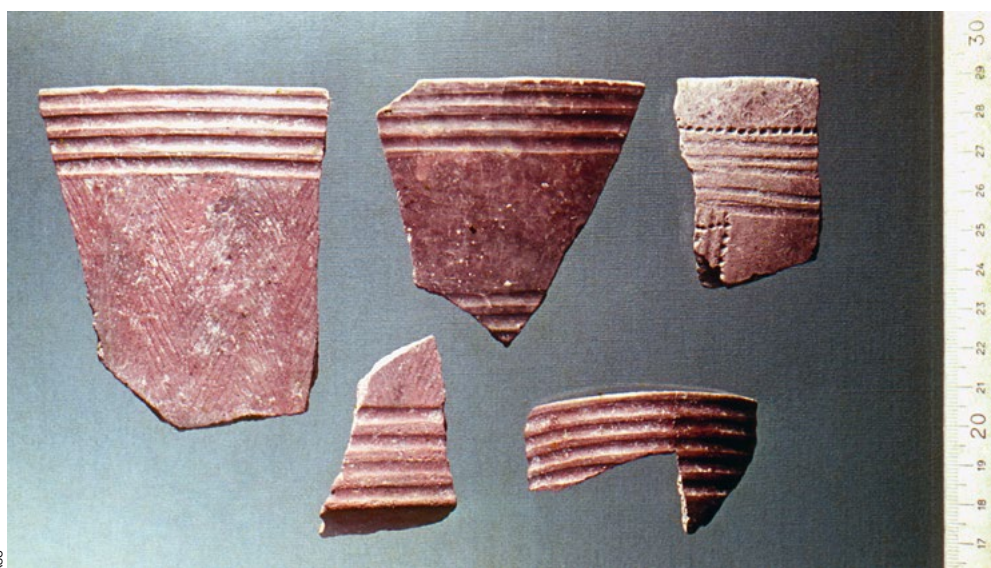
Vila Nova de São Pedro (Azambuja) é outro notável povoado fortificado calcolítico identificado por Hipólito da Costa Cabaço, cujas explorações tiveram início em 1937 e se prolongaram ininterruptamente pelos trinta anos seguintes sob a égide de Eugénio Jalhay e Afonso do Paço e, depois do falecimento daquele, só por Afonso do Paço, até 1967. A sua precoce escavação impediu o registo de informações essenciais. É o caso do desconhecimento da sucessão estratigráfica a que acresce o completo desconhecimento da sequência construtiva observada e a sua correlação com as sucessivas fases culturais ali representadas, as quais seriam caracterizadas por associações de materiais arqueológicos, que não foram devidamente registadas. Deste modo, resta a evidência do próprio dispositivo defensivo posto à vista e os milhares de peças recolhidas, estudadas em parte por Afonso do Paço e colaboradores. Tais lacunas incontornáveis de informação têm vindo a ser colmatadas,

na medida do possível, com a retoma das escavações, a partir de 2017, nas áreas que não foram atingidas pelas antigas escavações, mas os escassos resultados que, entretanto, têm vindo a ser publicados evidenciam sobretudo a importância da informação em falta, definitivamente irrecuperável.

As escavações antigas puseram à vista estrutura defensiva notável, explorada na íntegra; trata-se de um fortim de planta aproximadamente quadrangular, designado por «fortificação central», definido por espessa muralha de alvenaria e barro argamassado, constituída por blocos arrumados o revestimento dos paramentos interno e externo, reforçada por bastiões maciços do lado externo, construtivamente indiferenciados da muralha da qual fazem parte integrante. Esta construção, munida de um acesso ao seu interior, constituído por estreito corredor, encontrava-se externamente defendida por duas linhas defensivas envolventes de construção mais simples, possuindo pontualmente bastiões do seu lado externo, formando dispositivo defensivo coerente em estreita articulação com a fortificação central.

A cronologia de todo o dispositivo defensivo é ainda mal conhecida, mas tudo leva a crer que teria sido construído de uma só vez, no decurso do Calolítico Inicial, na 1.ª metade a meados do 3.º milénio a.C. A época provável da construção de todo dispositivo defensivo correspondia, tal como em Leceia, ao Calolítico Inicial da Estremadura, cerca de 2800/2700 a.C., sendo caracterizada pela presença de produções cerâmicas com decorações caneladas de fino acabamento, correspondentes aos conhecidos «copos e taças canelados», pela primeira vez identificados e caracterizados por Afonso do Paço e por ele publicados em 1959.

Tal como em Leceia, o quotidiano dos habitantes de Vila Nova de São Pedro envolvia também a agricultura dos campos adjacentes, bem como a horticultura, em



Recipientes com decoração canelada, típicos do Calolítico Inicial da Estremadura, correspondentes aos exemplares recolhidos em Vila Nova de São Pedro e publicados por Afonso do Paço, como característicos do primeiro estágio cultural da ocupação daquele povoado. Arquivo João Luís Cardoso. Fundo Octávio da Veiga Ferreira.



Pequeno cilindro de calcário com a representação do triângulo púbico, símbolo da fertilidade, recolhido no povoado pré-histórico de Leceia. Escavações de João Luís Cardoso.

pequenas hortas ao longo dos vales, talvez recorrendo já a sistemas de irrigação primitivos, comprovada pela existência de fava, da ervilha e do linho, a par de importantes atividades florestais, não apenas para a produção de campos agrícolas ou para pastagens permanentes, mas também no âmbito de obtenção de lenhas e de produtos silvícolas, como a bolota, também aqui presente e que poderia ser farinada.

O quotidiano era também pontuado por práticas rituais, como comprovam os abundantes ídolos encontrados, compagináveis, tal como em Leceia e em outros sítios da mesma época, com o culto da fertilidade e da fecundidade, em pequenos altares domésticos, da qual dependia a própria sobrevivência do grupo.

Uma dessas evidências afigura-se única, envolvendo a cerimónia, provavelmente fundacional do próprio povoado, cuidadosamente descrita por Afonso do Paço realizada em local

situado no exterior da «fortificação central», do enterramento ritual de um grande bovídeo. No entanto, a ocorrência de materiais arqueológicos fragmentados, de mistura com o depósito de barro amassado, faz admitir que esta cerimónia não correspondesse exatamente ao início da ocupação do sítio, mas a etapa em que se procurou sacralizar o povoado, ou uma área ainda não ocupada deste.



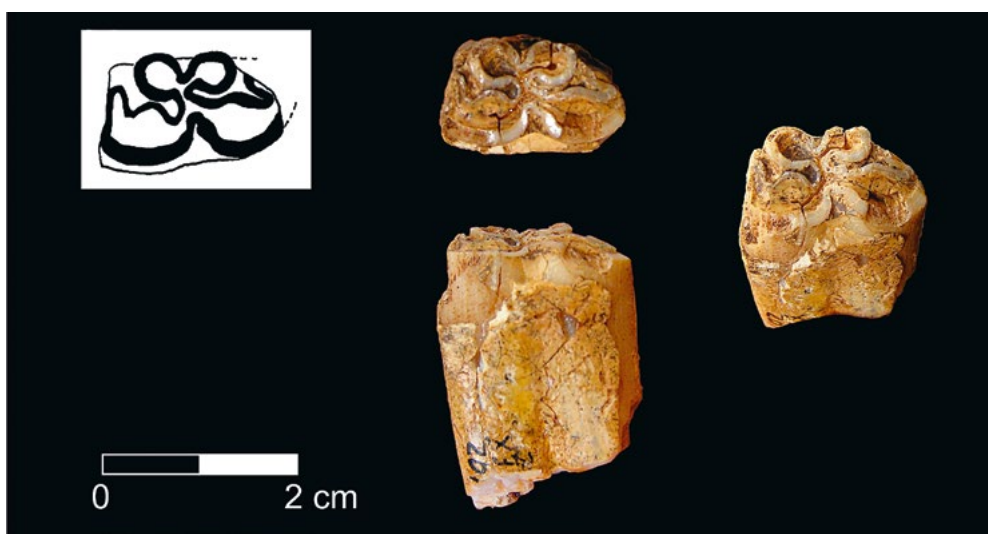
Dispositivo defensivo observado no povoado pré-histórico do Zambujal e interpretado como barbacã. Arquivo João Luís Cardoso. Fundo Octávio da Veiga Ferreira.

Enfim, o terceiro povoado calcolítico fortificado que importa referir é o do Zambujal (Torres Vedras). Identificado na década de 1930 pelo investigador local Leonel Trindade, só nos finais da década de 1950 se procederam às primeiras escavações realizadas por iniciativa de Aurélio Ricardo Belo, as quais foram continuadas a partir de 1964 por uma equipa do Instituto Arqueológico Alemão dirigida por Edward Sangmeister e Hermanfrid Schubart, cujas escavações foram prosseguidas por Micael Kunst, prolongando-se, desde a década de 1980 até época recente.

A presença de um recinto central foi igualmente aqui bem evidenciada, tal como em Vila Nova de São Pedro, munido de um dispositivo que poderia funcionar como «barbacã», defendido por duas linhas defensivas exteriores, a que se somou recentemente mais uma, articuladas entre si e com uma escarpa debruçada sobre o vale da ribeira de Pedrulhos. Este modelo de implantação defensiva tem assim evidentes semelhanças com o de Leceia.

Em suma: o ambiente cultural mediterrânico e francamente aberto aos estímulos culturais oriundos daquela região, prevaletentes durante todo o Calcolítico da Estremadura e do Sudoeste do atual território português ao longo do 3.º milénio a.C. teriam estado na origem da difusão de novas formas de viver, comparáveis com as observadas na bacia mediterrânea durante todo o terceiro milénio a.C.

A satisfação de certos interesses comerciais estiveram na origem da realidade observada, desde a emergência das arquiteturas defensivas, até à presença de objetos verdadeiramente importados, como é o caso de adornos de marfim de elefante africano ou de elefante asiático, conhecidos até agora apenas no Calcolítico do Sudeste peninsular, a par da presença de animais até então desconhecidos no território peninsular, como o burro doméstico, com origem no Mediterrâneo Oriental, conhecido no Calcolítico Pleno/Final do povoado fortificado de Leceia datado de cerca de 2300/2200 a.C., documentando uma das raras provas diretas dos contactos então estabelecidos e de há longo tempo tão intensamente discutidos com aquela área geográfica. ■



Dente de burro doméstico, espécie oriunda do Próximo Oriente, pela primeira vez identificada em contextos calcolíticos peninsulares no povoado pré-histórico de Leceia. Escavações de João Luís Cardoso.